

A “ZONA SAGRADA” DE OSAMA NAS ALTURAS EM A MAÇÃ NO ESCURO

Montgomery Vasconcelos
- (FUCIRLA/INEP)

RESUMO:

O estudo reúne investigações literárias que atingem os objetivos por meio de análise a partir mesmo da Introdução, trazendo à discussão o problema da corrupção desde épocas imemoriais, como a que se tem registro no Gênese, influenciando Clarice Lispector para essa temática. Daí que faz conjecturas e refutações no entorno de atos e fatos sob os olhos da humanidade, chocada com os mesmos, mas jamais desavisada. Sua tônica é a transgressão lingüística do processo palavra puxa palavra, provocado pela “alusão”. Desenvolve a personificação da coisa ou coisificação da personificação; instaura quatro tipos de projetos que visam à leitura da poética de Clarice Lispector: estético, ideológico, biológico e arquitetural.

PALAVRAS-CHAVE:

zona sagrada / coisificação / personificação / corrupção / semiótica / poética

Introdução

Com os ataques fatídicos a 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, que derrubaram as torres do World Trader Center, consideradas cabeça, tronco e membros da economia mundial, o desenrolar destes fatos vem mostrando que a humanidade perdeu as esperanças de sua semelhança divina. E por que isto? Porque contra tais fatos

não há argumentos e, em definitivo, o ser humano é o projeto fracassado de Deus, que vem provando assim desde épocas remotas, já mesmo no Dilúvio, com A Arca de Noé, na corrupção de Sodoma e Gomorra, enfim no sacrifício do seu único filho Jesus Cristo. E também porque é Deus quem assim afirma Corrupção da humanidade no Gênesis, a saber:

6 Quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas, e escolheram espôsas entre elas. O Senhor então disse: “Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque todo êle é carne, e a duração de sua vida será só de cento e vinte anos”. Naquele tempo viviam gigantes na terra, como daí por diante, quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e elas geravam filhos. Êstes são os heróis, tão afamados nos tempos antigos.

O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor. E disse: “Exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com êle os animais, os répteis e as aves dos céus, porque eu me arrependo de os haver criado”. (...)

A terra corrompia-se diante de Deus e enchia-se de violência. Deus olhou para a terra e viu que ela estava corrompida: tôda

a criatura seguia na terra o caminho da
corrupção. (BÍBLIA, 1993: 53-54)

Contudo, tal raciocínio é lógico para os cristãos que acreditam piamente na máxima de sua Bíblia Sagrada quando pontifica a ressurreição de Cristo: “Ressuscitou, não está aqui!”, portanto subiu aos céus e está à direita de Deus Pai Todo Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos no dia do juízo final; Enquanto na Bíblia Sagrada dos judeus, com apenas o deslocamento desta vírgula, mudam toda esta ideologia porque não acreditam no Deus Cristão de paz e amor. O Cordeiro Imolado ao Pai, do Hosana nas Alturas! Mas sim no Osama nas Alturas do World Trader Center.

E também nem acreditam tampouco que o seu Messias tão esperado, ainda, seja aquele Sr. Jesus de Nazaré, considerado apenas um homem qualquer sem ressurreição, daí pontificarem nas suas escrituras assim: “Ressuscitou não, está aqui!”, provando que o Salvador esperado por eles é um Deus de Guerra formidável, impiedoso, cruel e justiceiro, do “Olho por olho e dente por dente”, como foram Abraão, Moisés, Salomão (1032-975 a.C.) e Maomé (c.570-632) refletidos em seu “Osama nas Alturas!” implacável a 11-9-2001, e negando radicalmente o otimismo desse poema de Olga de Sá, a mais renomada autora da fortuna crítica da poética de Clarice Lispector, na idéia de conjunto:

SETEMBRO NEGRO II

Manhattan,

Ilha de beleza,

Amada de Sinatra,

Rastreada pelo ódio

De fanáticos suicidas.

Como harmonizar as imagens

De teu amanhecer tranqüilo
Com tua surpresa trágica?
O ódio é forte como a morte
E seu fogo é inextinguível.
Teu povo desesperado
Grita e acena nas janelas
Das torres onipotentes.
Corpos despencam no abismo.
Lembro Tróia incendiada.
Os troianos prisioneiros
E o pequeno filho de Heitor,
Atirado das muralhas.
Como suportar tal espetáculo
Não gerado pela mídia?
Nossa humanidade ferida,
Nosso “coração universal”
Geme, protesta, freme,
Reduzido a pó e cinzas.
Só o homem, “lobo do outro”,
Pode rir sobre esses mortos.
Só fanáticos celebram.
Manhattan,
Tua beleza violada
É nosso rosto partido
Não tenho como dormir
Enquanto teus filhos choram,

Perdidos na aflição.
Vítimas da natureza,
Do tufão, do vendaval,
Poderíamos entender.
Mas não a violência humana,
Rota ígnea contra a paz,
No coração de Manhattan.
Deus nos perdoe
O grau zero de humanismo.
Deus leve em conta
Nosso mesquinho sonhar,
Nosso medíocre horizonte,
Nossas mentes acanhadas,
Nossa fala ignorante,
Nosso coração de pedra.
Quem sabe até o fim dos tempos,
Pelos séculos dos séculos,
Aprendamos a amar.
E então naquele dia,
Eterno dia sem ocaso,
Nosso horizonte descortine
Que o cosmos é nosso lar.
(Cf. Sá apud ÂNGULO, 2001: 33)

De Platão aos dias atuais o conceito de Cibernética evoluiu de guerra, governo, Estado à globalização, como se houvesse uma transposição da realidade da linguagem do saber clássico grego à

realidade da linguagem virtual da era digital na época atual e/ou convivência com as diferenças e a pluralidade, que sobrepuja a unidade cartesiana já como método amorfo nessa globalização, a colonização imperialista de roupa nova para iludir seus colonizados felizes.

Contudo, tal evidência vê-se na realidade e transparência dos fatos da vida humana, que continua no comando de suas próprias decisões, e até das que jamais foram nem lhes dizem respeito.

Tem-se aí como exemplo as Guerras do Terror entre os Estados Unidos da América do Norte (terroristas legalizados pela ONU) por parte do Ocidente, e o Paquistão ou Iraque, o país oriental, é irrelevante precisar (que, embora desejasse ser o autor em potencial da trágica batalha aérea, nega a responsabilidade do atentado nefasto à Ilha de Manhattan, Nova Iorque, coração, alma e espírito do poder econômico e acumulação dos bens da humanidade, na terça-feira do 11 de setembro de 2001) por parte do Oriente que lê o mundo às avessas, plural, oposto à unidade cartesiana, voltado ao *Contra o método* (FEYERABEND, 1993: 7-364) tal como Clarice Lispector constrói Martim, Vitória e Ermelinda em *A Maçã no Escuro*, sob o signo da perseguição na “zona sagrada” igual à de Osama Bin Laden nas alturas do World Trader Center.

Então Martim, com a mesma perspicácia súbita que o ultrapassava e ultrapassava a lógica — percebeu que Vitória o denunciaria. Então abaixou os ombros e desfez a tensão. Como se o primeiro instante de certeza só lhe desse o alívio de não duvidar, a quietude tomou-o. Ele olhou cruamente a mulher. (...) para cada homem teria havido aquele momento não-identificável em que se teria aceito mesmo a monstruosa paciência de Deus? Essa paciência que permitia que homens durante

séculos aniquilassem com o mesmo obstinado erro os outros homens. A monstruosa bondade de Deus não tem pressa. Aquela Sua certeza que fazia com que Ele permitisse que um homem assassinasse — porque sabia que um dia esse homem teria medo e nesse instante de medo, enfim capturado, enfim impossibilitado de não encarar o próprio rosto, esse homem diria “sim” àquela harmonia feita de beleza e horror e perfeição e beleza e horror; a perfeição que nos usa. (...) Estonteado, sem saber a quem se dirigir, examinou-os um a um. E ele — ele simplesmente não acreditava. Eppur, si muove, disse com uma teimosia de burro. (LISPECTOR, 1982: 9-321)

Ressalte-se ainda que tal atentado às torres dos complexos econômicos do World Trader Center trouxe danos irreparáveis à humanidade, cujas nações pagarão por longo tempo os seus prejuízos causados em todos os níveis sem sequer ser ressarcidas em algo que o valha. Daí porque é tragédia humana à luz do *Mito do Eterno Retorno* no *Inferno de Dante*, e já pode ser considerado um dos maiores eventos do milênio, cujo maior caos desemboca no século XXI, dignos de uma epopéia universal, visando à reflexão para um recomeçar tudo de novo em outra vez.

Essa é a prova maior que condena a todos diante das questões: O que estão fazendo aqui? Para onde vão? Quem são? O que querem? Por que matam? Até quando vão matar-se? Para que se matam? O que comprova, também, a existência duma poética da transgressão tanto em Clarice Lispector quanto em Augusto dos Anjos, poeta de um livro só, o *Eu*, desenvolvendo uma transgressão poética com sua

tese sobre “Evangelho da Podridão” (Cf. ANJOS, 1912: 108-112) antecipando a problematização no seu “Poema Negro”.

Daí que se surge uma grande questão na poética da transgressão de *A Maçã no Escuro*, mas também no *Eu*: Não seria este, também, o temor de Augusto dos Anjos quando confessa o seu medo da passagem dos séculos, premeditando, além das 1ª, 2ª e 3ª (Guerra do Terror) Guerras, outra mais nefasta Guerra Bacteriológica, por meio da bactéria “Antraz”, entre os terroristas supras, que é o “carbúnculo” de “As Scismas do Destino”: Ha o malvado carbúnculo que mata/A sociedade infante dos bezerros! (ANJOS, 1912: 30). Essa evidência vem crescente e se faz terror na composição da poética da transgressão de Augusto dos Anjos, quem transpõe a sua época e a dos seus cânones por meio de questões dignas da maiêutica de Sócrates nesse seu “Poema Negro”:

A passagem dos seculos me assombra.

Para onde irá correndo minha sombra

Nesse cavallo de electricidade?!

Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:

— Quem sou? Para onde vou? Qual minha
origem?

E parece-me um sonho a realidade. (...)

A Morte, em trajos pretos e amarelllos,

Levanta contra mim grandes cutellos

E as baionetas dos dragões antigos! (...)

Contra a agressão dos teus contrastes
juntos

A besta, que em mim dorme, acorda em
berros; (...)

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.

Tu mataste meu tempo de criança (...)

Déste-me fogo quando eu tinha sede...

Deixa-te estar, canalha, que eu me vingó!

(...)

Que das ruínas duma casa assiste

Ao desmoronamento de outra casa!

Parahyba — 1906

(ANJOS, 1912: 108-112).

Qualquer semelhança entre esses dois últimos versos com as Guerras do Terror dos EUA e do Afeganistão é mera coincidência, mesmo quando é intrínseco o grau de intimidade nestas relações premonitórias da poética da transgressão de *A Maçã no Escuro* bem como no *Eu* de Augusto dos Anjos, que insiste em acentuar o seu temor e assombro diante da passagem dos séculos. Daí a previsão de maldades à humanidade, que sofre e paga pelos erros do mundo ocidental ou oriental. Posto que nesta questão todos perdem e não há vencedor, e a idéia de que o ser humano é um projeto fracassado de Deus consolida-se. Consolidação esta que se dá em definitivo no limiar do milênio terceiro sob o signo da corrupção, globalização e perseguição desde o *Eu* e *A Maçã no Escuro*, na “zona sagrada” de Martim, no entorno das três partes estruturais da escritura clariceana, à Vitória de Osama nas alturas no September eleven do World Trade Center.

Veja-se agora a investigação do estudo que tratará sobre “Zona sagrada”, objetivando descortinar a obra de Clarice Lispector por meio de uma técnica de análise inusitada para tal fim. Técnica essa que consistirá em aprofundar ainda mais as questões em torno de sua concepção incomum, aqui traduzida pela transgressão lingüística do

processo palavra puxa palavra, provocado pela “alusão”. Daí desenvolver uma leitura diferente que se instaurará por meio da semiótica peirceana em seu caráter mais subjetivo, assentado em bases sólidas de sua própria tríade: primeiridade, secundidade e terceiridade.

1. “Zona sagrada”

1.1 A santíssima trindade semiótica em *A Maçã no Escuro*

A Maçã no Escuro tem uma forma de seduzir o leitor a ponto de desenvolver um estudo que focalize mais o seu ato de “sedução”. Assim será como se irá realizar uma viagem alucinante até chegar às entranhas deste romance, que atrai o leitor generosamente à sua “zona sagrada”, ajudando-o a trilhar o caminho do seu motivo maior, a “alusão”.

De repente suscetível, caíra em zona sagrada que homem não deixa mulher tocar mas dois homens às vezes se sentam em silêncio à porta de casa ao anoitecer. Dentro desta zona solitária a escolha seria deixar-se tocar com humildade e aviltamento — ou abrigar a integridade do homem que não fala nem age. (...) não tem importância porque, se com essa frase eu pelo menos cheguei a sugerir que a coisa é muito mais do que consegui dizer, então na verdade eu fiz muito: eu aludi! (LISPECTOR, 1982: 164-169).

Amigo leitor, aperte o cinto que o foguete alucinado da interpretação vai decolar. Não será uma viagem inteiramente agradável porque se tem de fazer pousos vertiginosos em diversas escalas, inclusive na área de maior atenção concentrada pelo narrador: “zona sagrada”, que se encontra no item oito de “Nascimento do Herói”, segunda parte de *A Maçã no Escuro*. Seguindo esse percurso desco-

brir-se-á a razão de tudo pela qual se tenta questionar: a “criação”, “o comentário”, a perseguição e a constatação.

Para tal empreendimento lançar-se-á mão do seguinte suporte teórico, que embasará os alicerces de sua fortuna crítica: “Os Atos de Fingir”, *O Prazer do Texto, História Concisa da Literatura Brasileira, Problemas da Poética de Dostoiévski, A Sociologia do Romance, Masculino, feminino e neutro, Les Jeux et Les Hommes, Homo Ludens, “Merleau-Ponty e a Noção de Obra de Arte”, A Retórica da Ficção e S/Z*. Nem todas as categorias deste suporte serão utilizadas, mas acredita-se em suas colaborações.

Tentar-se-á açambarcar o maior número de questionamentos existentes no texto de *A Maçã no Escuro*, ora travestidos de “alusão”, ora de dedução e “sedução”. No meio da viagem desvairada visitar-se-á à “zona sagrada”, o espaço da alusão de Martim na fazenda de Vitória e ainda como ponto turístico o excêntrico romance da relação: Martim/Ermelinda, que teve o seu ponto culminante “...às onze horas do dia 17 de abril” que ela própria chamou de ‘o instante antes do homem aparecer’. Se não faltar combustível nessa máquina envenenada pela velocidade da luz far-se-á um pequeno pouso no diálogo-monólogo da memorização de Martim com seu Pai, que no “descarrilhar” transcendia para a “zona sagrada”, última morada dos deuses “profanos e sagrados”. Nesta zona o leitor é seduzido ao verificar, antes de fazer sua excursão, que ela tratava por excelência do “ato criador”, explorando a “palavra”, e seduzindo-a para a realização maior da “criação”.

Contudo, ainda, não custará nada, uma vez estando na “zona sagrada” prolongar essa vertigem alucinante até a lenda do “crime” de Martim. Pelo que parece, trata-se de uma tremenda “alusão” da “pesada”, porque tem “Um não sei quê, que nasce não sei onde,/Vem não sei como, e dói não sei por quê.” (CAMÕES, 1966: 108) Deven-

do ser por isto que se ilumina o tempo todo o texto espacial para os humildes tripulantes leitores. Leitores estes com inúmeras estrelas da infinita constelação de “como se”, que por sua vez explica por “alusão” o nascimento da “criação”, maravilhosamente iluminado pelo sol que brilha com seus raios sedutores e excitantes em *A Maçã no Escuro*. Neste sentido toda a viagem alucinante estará voltada para o “ato criador”.

Prevedo fazer um longo percurso, mas “legal pra cacete”, pois não se tem a menor idéia de quando se retorna. Tentar-se-á estabelecer limites que disciplinem o tempo dedicado a cada ponto visitado dessa Grécia galática formada por Introdução, “Zona sagrada”, A Criação, A Perseguição, O Comentário, A Constatação, Considerações finais, complementadas pelas Referências Bibliográficas percorridas na viagem alucinante como um vôo pela galática de *A Maçã no Escuro*, desde o seu limiar à chegada. Assim, obedecendo este roteiro acredita-se nas possíveis descobertas dos recursos utilizados na realização da “criação”.

De antemão sabe-se que um dos percursos mais longo e minucioso será o da *Constatação*, não só pela sua extensão mas pela colheita e coleta dos dados que se somam aos milhares. Partindo desde a primeira parte da excursão “Como se faz um homem”, em seguida da segunda parte “Nascimento do Herói” e por último da terceira parte “A Maçã no Escuro”, que por conveniência do narrador comentarista e guia turístico desta sua viagem alucinante ao véu translúcido da “criação”, achou por bem, não se sabe se por questão de foro íntimo, dar esse mesmo nome à sua viagem anterior e particular, gerando assim o ensaio presente que se propõe como *A Maçã no Escuro*: a “zona sagrada” de Osama nas Alturas!

Esse seu Guia, o narrador turístico, “é o maior barato”! Deixa todo mundo louco. Quando você pensa que ele vai levá-lo atencio-

samente aos pontos que precisa conhecer ele vira-se e diz: “Não se iludam se aludam. Minha função neste indizível vôo não é servir de bengala para vocês, mostrarei tudo, mas por ‘alusão’. Inclusive a ‘criação’ vocês não chegarão a ver, mas possivelmente poderão aludir pelo meu ‘ato criador’, que lhes mostrará uma área chamada ‘zona sagrada’, onde até mesmo Martim na sua ‘penosa’ busca não chegou a ver, mas aludiu. E isto de aludir já é muito. Portanto, contentem-se com a ‘alusão’. Ela também é uma forma de ver o invisível: a ‘criação’ aí se formidando.” Depois de proferir estas palavras emudece “como se” fosse um gênio naquele seu jeito manso de mergulhar na introspecção, assim como um segredo no silêncio do deserto escuro.

Nenhuma viagem deixou-lhe tão tenso como esta com destino à “zona sagrada” da “criação”. É admissível que se tenha tanta ansiedade por uma coisa, mas a ponto de chegar até a se anular deixando que ela fale e responda por si, isto já não se pode mais admitir. Tem-se plena consciência de sua “sedução”, fato por demais comum entre os leitores, mas deixa de ser comunismo quando se transporta para o campo obsessão. Então o que era tolerável passa a ser intolerável, mas não para quem está obcecado e seduzido, pois transcendera à normalidade, permitindo assim alcançar uma área “como se” fosse aquela da “zona sagrada”.

Toda viagem tem algo de estranho. No início parece que se está convicto de sua decisão e dos propósitos que o leva a marcar a hora de sua partida, mas quando está aproximando-se a hora começa a surgir uma série de indecisões e até medo mesmo. É “como se” algo de mal viesse acontecer-lhe. E de repente encontram-se totalmente confusos e enrolados. Parece que as suas malas estão cheias demais, podendo atrapalhá-los futuramente, ou então o contrário, esquecerem de colocar algumas de suas coisas indispensáveis e imprescindíveis,

que irão fazer-lhe falta, com certeza. É “como se” não houvesse uma medida exata que os contentasse. Há sempre alguma coisa de mais ou de menos, assim como um sonho ou pesadelo que se repete sempre nas suas noites mal dormidas.

De repente, vê-se numa situação insegura e, precisando proteger-se, corre para um quarto escuro a fim de se esconder de não sei o quê. Em seguida vai até a cama e se cobre todo da cabeça aos pés, então logo vem aclarar a lembrança de ter esquecido de fechar a porta, imediatamente corre até ela, e tamanha é sua surpresa ao notar uma enorme brecha com mais de vinte centímetros de cima a baixo, impossibilitando-a de fechar com ajustamento. Não só por este motivo, mas porque também não tem nem ao menos tranca ou fechadura, pois é toda lisa, assim como a falta que lhe falta como em Martim.

Daí que deste ponto em diante tudo fica confuso e incompreensível “como” um branco total que baixasse naquele momento desesperador de falta que nunca se completasse nem preenchesse. Então, em seguida não se sabe qual a idéia que lhe socorre naquela aflição e tormento infinitamente duradouros, mas parece que foge... foge... foge... foge... até se perder de vista e de si mesmo pelo escuro mortal da noite. É parecido com a indefinição das coisas em uma massa amorfa, assim “como” imagina neste momento ser o profundo interior de Martim em a “zona sagrada” de *A maçã no Escuro*.

Quanto à partida, pode-se adiantar que é outro inigualável dilema, não se suporta a idéia de um centro de decolagem, assim como queiram chamar “terminal rodoviário”. No final das contas tanto um termo quanto o outro remetem para a desagregação de alguma coisa que se está despedaçando em inúmeros fragmentos. Assim como é uma partida, vulgarmente chamada de “cinco letras que choram” o (*adeus*) entre as pessoas que se despedem antes de embarcar uma delas.

Na verdade, o local de partida faz lembrar pessoas que estão partindo, deixando muitas faltas, sem que possam ser ao menos preenchidas, e levando tantas outras com as mesmas faltas que não se preenchem jamais. Como lembra também outras pessoas que estão chegando e trazendo tantas faltas sem que possam ser preenchidas “como” uma compensação de reciprocidade, por ter deixado onde vieram tantas outras que não puderam da mesma forma ser preenchidas. Assim, esta permanente sensação de falta sem poder ser preenchida é a mesma que Martim, ao se debater com o “crime” como sendo a sua grande falta, tenta a todo instante, até por meio da “criação”, preencher com seus “atos de fingir”.

Daí que para Martim, era “como se” ele vivesse fugindo de uma excêntrica forma de amar, pois como observou o narrador que tal perseguição é às vezes do próprio rosto amado que muitas vezes se nega e por isto se vive a fugir e a fugir até se perder. Desse modo, era assim mesmo como se perdera Martim na “zona sagrada” de *A Maçã no Escuro*, para se encontrar em plena comunhão com a “criação”, outro amor tão forte que não pôde ser descrito a não ser por “alusão”.

Assim, a hora da partida cada vez mais se faz presente na contagem regressiva, que se vai confundindo e deixando em polvorosa quem quer partir e ficar ao mesmo tempo. Não sabe se vai, nem sabe se fica, e em trocadilhos que não fazem sentido algum quando a sua consciência pergunta-lhe se já decidiu, então responde como se quisesse afirmar e negar uma só coisa: “Acho que sim, mas penso que não”.

Assim foi como Vitória sentiu-se quando Martim apareceu em sua fazenda à procura de qualquer coisa para fazer. Ela não sabia ao certo que decisão tomar: acolher aquele homem ou deixá-lo partir. Não sabendo qual sentimento falara mais alto, “como se” a decisão que tomasse, fosse ela qual fosse, iria trair-lhe, pois havia nele algu-

ma coisa que a dominava por “sedução”, como por exemplo: aquela sua cara de um deboche sorridente, mas que não sorria nem debochava.

Na verdade, era pura e simplesmente a cara natural dele mesmo. Como ainda aquele seu silêncio de burro que “descortinava” sozinho para dentro de si mesmo. O mesmo ocorria com Martim na sua obediência a tudo que Vitória dizia. Quando a mulher levantava qualquer hipótese já estava ele pronto para insistir em querer ficar. E tanto insistiu que ficou, pois como sempre respondia que fazia de tudo, mesmo tendo declarado ser engenheiro, não se incomodaria em absoluto de realizar as mais humildes tarefas da fazenda.

É com o entendimento entre Martim e Vitória que esta viagem alucinante do leitor começa. Ela sem saber como o aceitara. Algo diferente havia manifestado-se e resolvido à aceitação de ambos naquele momento em que a perseguição a Martim tomava o rumo da “criação”. Martim obedecia cegamente às ordens de Vitória, e tudo foi tomando forma e sentido de uma narrativa tradicional sob o signo da perseguição. Ela agia “como se” tivesse sempre que mantê-lo, ordenando coisas e mais coisas desordenadas, absurdas e sem sentido a ponto de se chocarem duas tarefas ao mesmo tempo, espaço e/ou lugar. E ele “como se” não conseguisse viver sem as ordens dela, que lhe dava ânimo para agir também dentro de seu campo de atuação mecanicamente lento e engenhoso, mas que caminhava para a perfeição do seu “ato criador” na fazenda: a “alusão”.

Chegou à hora. Tem-se de partir. Deve esquecer-se de tudo que está deixando para não aumentar ainda mais a falta que não se pode preencher jamais. Embarca-se como quem embarca no escuro. É agora ou nunca. Não se deve esperar nem mais um minuto. O medo não o vencerá porque lutou contra ele até o fim da viagem. E não precisa ter a consciência pesada. Fez o possível para esta preparação

que introduzirá algumas questões teóricas nas passagens e trechos da via Láctea de a “zona sagrada” e da “Proibição”. Mas, se esquece alguma coisa é porque a sua ansiedade passa por um processo de seleção e triagem muito extenso e rigoroso. O que é indispensável e imprescindível, para assim haver um bom desempenho e se chegar a bom termo nesta viagem de interpretação criativa audaciosa, daí a criação.

Para um futuro breve investigar-se-á “A criação”, parte II desse romance, que desenvolverá observações em torno do fenômeno “alusão” e fará investigações semióticas sobre a linguagem de Clarice Lispector. Tal parte II, também, dará prosseguimento a essa mesma técnica, de palavra puxa palavra, embora aprofundando mais as reflexões de poética sobre um mesmo paradigma: transgressão do signo à concepção dos “atos de fingir” ou do “ato” enquanto “crime”, realizado e cometido por Martim em seu fingimento. Nesse sentido, seu objetivo mais intenso é a escritura porque nela será elaborado um tratado sobre a criação mesmo que de forma aleatória e superficial. Daí que a partir da fortuna crítica de Clarice Lispector, como Olga de Sá, além dos teóricos Huizinga, Caillois, Bakhtin, Goldmann, Bosi e Lukács, “A criação também estudará as expressões: “oco de onde saem as coisas”, “Deus se arrepende”, “alusão”, “penoso”, “aquilo”, “coisas que preciso saber” e “contente como um artista”. Para tanto veja-se essas considerações finais.

Considerações finais

Na segunda parte “Nascimento do Herói”, de *A Maçã no Escuro*, há um item, o de número oito, que chama à atenção pelo seu tratamento a respeito da criação, e por focar de maneira mais real e possível o processo do ato criador ou como queira o leitor chamar de “atos de fingir”, apropriando-se assim desta terminologia de Wolf-

gang Iser, que estuda a questão do texto ficcional e desenvolve as suas características no seu ensaio “Os Atos de Fingir ou O Que é Fictício no Texto Ficcional”.

O item referido (de número oito) apresenta-se “como se” fosse um tratado da “criação”. Nota-se isto nas suas várias passagens de idas e vindas, questionando o aqui e o agora, e se angustiando com o ato de fazer da realização humana. Sua angústia mais gritante e inquieta é com relação à palavra. Todo o seu bordado narrativo constrói-se nos questionamentos relacionados ao ato da escritura feminina de Clarice Lispector. É como se para se escrever sobre tal escritura feminina clariceana o melhor caminho fosse abster-se de tudo, além ainda de apresentar-se assim como quem não quer nada, mas que na verdade se quer de um tudo.

A “palavra”, como sendo a questão principal deste item, é também o signo e a escritura indispensável e imprescindível ao ser humano. Isto por ser ela a sua própria “ação” e “intenção”. Mas o que é o pior, como sendo também muitas vezes esta “palavra”, com que tantos se comunicam na expressão oral, a sua própria “Proibição”, na hora de se expressar por meio dessa escritura. E é dela que surge o impasse de Martim, “como se” fosse o limiar de sua grande problematização e perseguição: permanecer na sua “zona sagrada” e inalcançável ou abandoná-la pelo alcançável, que presume e alude Vitória enquanto sendo de outra (“zona sagrada”) equivalente ao “fracasso”. Sua opção e vocação inclinam-se mais para a última possibilidade sob o signo da perseguição, uma vez que os perseguidos são os poucos que fracassam.

Martim vê-se num beco sem saída ao tentar organizar seu texto memorizado e “penoso”. Falhara neste e ao partir para o futuro ocorre-lhe o mesmo como também ao que se reportou na perseguição tratar do já criado pelo passado. Na sua aflição com o “ato criador”,

atormentado, sentia-se como uma pessoa que tentasse passar pelo buraco de uma agulha, na comparação que o narrador fez, referindo-se assim à “verdade da Proibição”. Era como já falara o narrador sobre tudo o que quisera fazer tendo como recurso a “palavra”. E neste drama do ato de expressar, seu único consolo fora “o grande amor” à pedra, ou ainda “aquilo” que se refere à “Zona sagrada”, intocável pelas mulheres, mas que dois homens podem perfeitamente comungá-la à tarde sob o pôr-do-sol.

Foi dessa comunhão mesmo que Ermelinda se sentiu impossibilitada de participar no episódio de sua espera por Martim ao meio-dia de dezessete de abril. Aquele dia em que ela mesma chamou de ‘o instante antes do homem aparecer’. No momento em que se defronta com Martim ela sente a falta de sua igualdade. Notara que eram diferentes, e essa diferença causava-lhe medo, explicando-se por meio de alusão que o amor só devesse ser possível de compreensão sem o “medo” pelos iguais.

Na lembrança dessa passagem de Ermelinda, algo de impotente remete para o item oito de “Nascimento do Herói”, que diz respeito à situação incômoda e cômoda por que passa Martim, ao fruir calmamente o seu “ato de fingir”. Momento este que ocorre quando tenta desesperadamente relacionar seu texto mental com a sua escritura potencialmente feminina sob o signo da perseguição clariceana em seu romance *A Maçã no Escuro*.

Debatendo-se neste ato é que ele chega a uma conclusão que é a humildade de saber ser impotente no “ato criador”. Mas na verdade esta impotência é ao mesmo tempo uma impotência às avessas, porque é ela que vai dar-lhe à consciência de ter aludido. E assim pensando ele entendeu, por um lado, que se não tivera a capacidade de criar seu texto sem o “grande equívoco de escritor”, por outro lado, aludira com uma só frase “aquilo”, que era muito mais do que ele

consequira dizer. Daí o narrador por sua vez dizer também que: “Aquele homem gozava sua impotência assim como um homem se reconhece.” É neste raciocínio que Martim seguia paciente, e quando lhe faltavam “palavras”, não lhe faltava o “silêncio”, e se lhe faltava a “ação” não lhe faltava “o grande amor”, e assim se formava penosamente a sua resistência no romance *A Maçã no Escuro*.

Por que penosamente? Porque sofria com o seu silêncio, sem nenhum alarde, preferia fingir que sofria como um “mártir” para ver se Deus piedosamente arrependia-se de ter deixado ele, seu filho sofrer heroicamente por trazer no choro o riso, como último recurso em vão, usado para “Deus se arrepender”. Mas que na verdade era todo um sofrimento que disfarçava uma “porrada” nos testículos, e que a vítima ainda agradecesse dizendo que não foi nada, absolutamente não estava doendo, e até procedesse de forma absurda como alguém que mesmo comendo “merda” ri, e agindo assim resistisse desesperadamente como forma de se santificar com a sua dor no romance moderno *A Maçã no Escuro*.

Todavia ainda, a propósito do escatológico revisitado, houve um projeto, por volta de 1984, de certo pesquisador, na Europa, sobre uma “Máquina de fazer bosta”, que teve um incentivo financiador invejável na ordem ou em torno de US\$ 250 milhões de dólares, e vem fazendo o maior sucesso em sua demonstração, na qual as pessoas compram tabletes de 2 kg (dois quilogramas) pela fortuna de US\$ 2.500 (dois mil e quinhentos dólares). Se Clarice Lispector quanto tantos outros pesquisadores brasileiros tivessem tal oportunidade oferecida pelos órgãos de pesquisa brasileira com tamanho incentivo, certamente, inventariam outra máquina, mas de fazer alimento para acabar com a fome primeiro no Brasil e depois no mundo.

Martim não só falha no “ato de criação”, também ao procurar rir mais um pouco “como se” fosse já “automartírio” descarrilha. Então se engasga e se engasgando passa a idéia de “erro físico”, deixando-o pensar que até seu próprio corpo começava a falhar, causando o seu “fracasso” duplo: o da mente e o do corpo.

Quem mais fere Martim é “o ato criador”, porque não contava com ninguém a não ser consigo próprio. Assim, não progredia na sua busca fracassada, e era como a chuva que só chovia no molhado. Não descobria nada, sua atividade era “como se” estivesse descobrindo o que já foi descoberto. Em resumo, o que ele fazia consistia apenas na redescoberta. Poder-se-ia chamá-lo de um segundo Galileu, Pitágoras, Cabral, Colombo, Vasco da Gama e Marco Pólo, mas jamais concebê-lo como um descobridor primeiro, gênio ou criador.

Mas uma coisa era vantagem para Martim: a perseguição! Embora não soubesse disso e nem tivesse a menor consciência em torno dela. É como se pudesse pensar nessa vantagem como sendo o seu álibi. E por que? Porque para ele havia um infinito de horizontes e opções no meio do turbilhão de seus objetivos, enquanto que para o perseguidor havia apenas um: o perseguido, ele, Martim. Daí que a característica da perseguição é tortura, crime torpe, mesquinho, cruel, desumano e burro. A perseguição é o excremento da humanidade e o câncer incurável da civilização, financiados sempre pelo poder ausente de virtude, nobreza, generosidade, fraternidade, igualdade e liberdade.

Mas uma outra coisa ainda era vantagem para Martim. Esta outra coisa não é se não “Aquila” que tanto se referia, e que até quanto à ela mesma ele próprio não sabia o que era. Sabia sim, que era como uma coisa perdida, que só se revelaria quando fosse encontrada. O que não o desanimava, e mais e mais resistia, porque sabia que não sabia o que era “Aquila”, mas que estava à sua procura. E nesta sua

busca, levava consigo toda força e paciência de resistir à coisa tão esperada e desconhecida, que se faria reconhecer automaticamente no momento em que a achasse. Assim como é a curiosidade que se imagina da surpresa, e que só passará para o campo da familiarização quando deixar impreterivelmente de ser a coisa sigilosamente desconhecida. Da mesma forma ocorria ao aludir sobre “Aquilo” de Martim, que existia como se fosse essa curiosidade.

E só muito depois de perseguir “Aquilo” é que Martim consegue remotamente aproximar-se de sua descrição, se assim é que se pode chamar. Haja vista que lá para as tantas, euforicamente, ele (Martim) anuncia o seu primeiro parto criador de uma frase: “Não sei escrever”, fruto de sua bondade envolvente e sofredora. Já começa então a se animar, pois era esta frase a sua primeira esperança vista ao longe do longe, do bem mais longe quase impossível de se imaginar.

Martim logo em seguida, como que premiado pela paciência, modestamente escreve: ‘Coisas que preciso fazer’, aqui era já alguém que desistira da verdade, e assim prosseguindo foi que se tornou mais humilde ainda, a ponto de achar que a frase anterior fosse ambiciosa, o que lhe fez mudar para : “Coisas que tentarei saber: número 1”, e nesta sua insistente paciência resolve colocar ao lado desta frase “Aquilo”, e mais adiante “contente como um artista”, porque conseguira dizer o indizível com esta palavra, escreve agora: “Número 2: como ligar ‘aquilo’ que eu souber com o estado social”. Coroa-se então seu êxito com a conclusão a que ele chega à alusão com “Aquilo”: o indizível.

É só então a partir dessa possível paciência hegeliana e na aparência de Vitória que Martim se descortina para o “ato criador”, pois já atingira quase que por um minuto à boca do “oco de onde saem as coisas sem ficar para sempre com a indocilidade do desejo.” Havia

nele já indícios de quem ia chegando ao fim de sua jornada, diga-se de sua obra.

Contudo, foi neste exato momento que lhe deu uma vontade incontrolável de rir, e rir com um “riso vazio e largo”. Lembrando, esse seu comportamento, trechos de literatura carnalizada (BAKHTIN, 1981: 87-155) no qual tal gesto se explica pelo gênero da “sátira menipéia”, originada das peças de Menipo de Gadare. Ainda, por ter ele abordado temas que se referem ao riso diante do choro, causando o ridículo nos momentos de profunda abstração dos personagens. Momentos esses em que, pelo seu senso de extrema comicidade diante do que lhe é ou lhe parece sério, ele ri mesmo que esteja chorando num inesgotável vale de lágrimas, tal como aquele em que se afoga Martim na aridez de seu amor à pedra.

Nesse meio tempo surge o jogo das pedrinhas dentro da objetividade alcançada por Martim. Estas pedrinhas são como se fossem matrizes que a tudo se filiam, sem jamais lhe deixar de explicar a não ser por um fio de raciocínio que favorecerá ao interessado chegar aonde bem quiser o pretendente do enigma a ser desvendado.

Mas como às vezes nem só de pedrinhas vive o homem, é então que mais uma vez Martim fracassa por não encontrar eco nem “oco” que o respaldem na sua improvisação. As pedrinhas, pelo que se pode adiantar, são como peças de um jogo com inúmeras regras para serem observadas e obedecidas o tempo todo. Mesmo na quebra total da privacidade desnuda pelas câmeras, com a mais extrema disciplina, que faz parte deste jogo estudado outrora, presente e futuro, dentre tantos em *Homo Ludens*, mas com rigor científico, sob o signo da exclusão, hoje revisitado como os espetáculos da realidade: Big Brother Brasil, Casa dos Artistas, Programa do Ratinho e No Limite. (Cf. HUIZINGA, 1980: 3-243).

Ressalte-se ainda que tal jogo fora bem mais desenvolvido e atualizado por Roger Caillois em seu *Les jeux et Les Hommes*, no qual classifica esta atividade lúdica em quatro categorias, a saber:

1. *Agôn* que corresponde aos jogos de competição como se realizou entre Martim e o “ato criador”;

2. *Ilinx* ou vertigem como ocorreu no episódio entre Ermelinda e o seu ‘o instante antes do homem aparecer’;

3. *Alea* ou azar que se realizou no elemento chave da narrativa de *A Maçã no Escuro* e que foi o “crime” de Martim como sendo originado do jogo da fatalidade que não deixa ninguém de fora, “como se” pode observar na constante procura de explicações em que Martim tenta analisar seu “crime” e até mesmo sua fuga e perseguição por não poder tolerar mais seu indizível amor. E por último;

4. *Mimicry* ou simulacro ou mímica ou máscara, que foi sempre a postura de Martim na fazenda de Vitória desde que ali ele chegara “como se” fosse um enigma para ela (Vitória) Ermelinda e o Professor. (Cf. CAILLOIS, 1958: 5-234).

Referências Bibliográficas

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro [s.c.p.]. 1912.

_____. *Obra completa: volume único/Augusto dos Anjos*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ARISTÓTELES [384-322 a.C.] *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

_____. *Da geração e da corrupção*. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro, São Paulo: Landy, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1974.

- BÍBLIA SAGRADA. “Gênesis”. 90ª ed., rev. Trad. Monges de Maredsous: Bélgica. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1993.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1982.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Edição rev. Trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio D’Água, 1993.
- HUXLEI, Francis. *O sagrado e o profano*. Rio de Janeiro: Primor, 1974.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. 6. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PANOFSKY, Erwin. *Idea: a evolução do conceito de belo*. Trad. Paulo Neves, São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1993a.
- _____. *Clarice Lispector: uma travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993b.
- _____. “Setembro negro II” In: *Ângulo*. [ISSN 0101 191 X]. Número 88. Abril/Junho. Lorena: CCTA, 2001.
- VASCONCELOS, Montgomery. *A poética Carnavalizada de Augusto dos Anjos*. São Paulo: Annablume, 1996a.